

Zweig e o país do presente

Deodato Rivera *

O que aconteceu ao "país do futuro" do escritor austríaco Stephan Zweig? Se pudesse revisitar-nos, 50 anos depois de sua famosa profecia, ele certamente teria uma grande decepção com a simples leitura dos jornais de Brasília, Rio e São Paulo entre 25 de outubro último e 1º de novembro. Pensaria que se enganou de país.

De fato, esses oito dias foram particularmente brutais. Duas imagens do Rio de Janeiro o sintetizam expressivamente: a foto dos cadáveres amontoados na cela A-15 do presídio de Água Santa — 25 pessoas incendiadas vivas, a 1.500 graus, por servidores públicos pagos para protegê-las — e a dos meninos do Morro do Fubá, tapando os narizes ante seis corpos putrefatos de mais uma chacina carioca, num fim de semana em que houve 57 assassinatos no Grande Rio.

O horror, contudo, foi nacional. No Recife uma menina sequestrada por engano é ademais estuprada e a polícia pede a prisão preventiva de um comerciante que em maio último "encomendou" a tortura de um empregado, acusa-

do de furtar uma máquina de costura ("se o pessoal da Inquisição lesse o relato ficaria roxo de inveja", declarou o delegado do caso); em Alagoas foi documentado o martírio de algumas das 50.000 crianças nos canaviais: meninos de terna idade, a partir de 5 e 6 anos, destruindo-se em brutais jornadas de trabalho; em Brasília um vigilante mata e esquarteja friamente a mulher, enquanto outro profissional da segurança, um cabo da PM-DF sequestra, de farda e tudo, a esposa de um empresário; em Aracaju o adolescente que denunciou o massacre de quatro meninos, por um policial que os obrigava a roubar em seu benefício é assassinado a tiros, como se temia, e em Barreiras, na Bahia, um fazendeiro mata a socos um menino de 8 anos que trabalhava para ele, enraivecido porque o carro de boi que o garoto conduzia teve uma roda presa num buraco.

No Rio, além do já mencionado, um dos meninos exterminados da semana teve a orelha esquerda cortada como troféu pelos exterminadores; três jovens amarraram e brutalizaram dois meninos no Morro da Divinéia; grupos de jovens favelados, organizados em bandos vio-

lentos, aterrorizam com um "arrastão" de roubo em massa os freqüentadores das praias de Ipanema e Leblon; professores em greve revelam seus salários aviltados (piso municipal de 97 e estadual de 58 mil); há mais fotos de meninos pobres suicidando-se nas ruas, cheirando cola, à vista de todos; um jogo de basquetebol descamba em festival de violência nas arquibancadas; uma jovem gravemente queimada é recusada por 3 hospitais; um doente renal, religioso ilustre, membro da Academia Brasileira de Letras, precisa gritar "Queremos sangue" em sua coluna de jornal, para denunciar o descalabro do serviço de Saúde. Enquanto isso, porém, a proposta orçamentária do prefeito da ex-Cidade Maravilhosa que encantou Stephan Zweig contempla Cr\$ 19,3 bilhões para a reforma da "Marina da Glória" (remanso de iates e lanchas de prazer), e 658,8 milhões só para obras do Zoológico, dos quais a bagatela de 219 milhões para alojar mais confortavelmente um macaco chamado Tião.

Já em São Paulo revela-se que milhares de trabalhadores são obrigados a viajar diariamente vários quilômetros a

pé, por impossibilidade de pagar o transporte: alguns levantam-se às 3 da manhã para chegar no emprego às 8 horas.

Houve ainda muitas outras notícias crueis nessa verdadeira "semana das bruxas" no Brasil, dentre as quais: a confirmação da esterilização em massa e não consentida de mulheres, por médicos a serviço de "instituições de controle da população em países do Terceiro Mundo", como a Benfam, responsáveis por 25 milhões de esterilizações nos últimos anos em nosso país; o brutal aumento do custo de vida, com a cesta básica subindo 40,8% em outubro, mês em que até os feirantes dos bairros ricos das grandes cidades espantaram-se com a retração dos seus clientes privilegiados, enquanto aumenta a corrida das famílias miseráveis aos "lixões", à cata de restos comestíveis, como documentado em plena Capital da República, onde cada vez mais meninos estão comendo lixo vindo até dos hospitais! Finalmente, destacou-se a informação de que a sonegação do FGTS por empresas públicas e privadas alcançou Cr\$ 4 trilhões, o que levou um

editorialista a afirmar: "A burocracia e a voracidade criminosa de empresários privados e administradores de estatais juntam-se para criar condições impeditivas do progresso do povo brasileiro" (*O Estado de São Paulo*, 29/10).

Mas o profeta austríaco talvez se consolasse com as palavras do chanceler Helmut Kohl que, pensando na Alemanha devastada pela guerra, e referindo-se ao Brasil em crise, afirmou ser "impossível que as coisas continuem como estão agora. Às vezes a virada vem rápida", ou com uma ação benficiante de jovens da classe média recifense, de solidariedade a famílias miseráveis e suas crianças: "Quando fomos entregar os donativos numas das creches escolhidas — comentou um professor dos moços — vi estudantes que antes eram completamente desligados chorando, abraçados com as crianças carentes".

Não estará aí a única possibilidade de um futuro decente para o nosso povo: revogar essa infeliz "lei do Gerson" nos fatos, não somente nos discursos e liturgias dominicais?

Como sugeriu o chanceler alemão, uma nação que consegue chorar os seus mortos tem futuro, se ao pranto alia trabalho, competência e determinação. Os estudantes do Recife nos demonstram que o Brasil ainda pode honrar a previsão de Zweig — se soubermos chorar e salvar, os nossos milhões de mortos-vivos das várias misérias que o paradoxal "progresso" econômico brasileiro das últimas cinco décadas provocou.

Em verdade, ou nos juntamos enquanto há tempo, e agimos, ou essas nossas misérias — material, moral, cultural, espiritual, política, civilizatória — transformarão o Brasil, não no país do passado, o que de certa forma seria até um avanço em muitos aspectos, se pensarmos nas décadas de 40 e 50, mas sim no país do eterno presente — este presente abjeto, sem grandeza nem dignidade, de que os brasileiros lúcidos só têm motivo de vergonha e que a um Stephan Zweig redivivo daria uma incoercível vontade de regressar à tumba.

* Cientista político, diretor do Centro Mahatma Gandhi, de Brasília